

Televisão e História Pública: representações da escravidão na telenovela Novo Mundo (2017)

Milena Martins¹

Wellington Amarante²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar historicamente as representações da escravidão na telenovela Novo Mundo, produzida e veiculada pela Rede Globo no ano de 2017. A partir do visionamento de todos os capítulos da trama buscou-se compreender de que modo diretores, atores, roteiristas, figurinistas e demais envolvidos na criação e produção da telenovela colaboraram na construção das representações sobre a escravidão. O visionamento dos capítulos foi realizado na íntegra por meio da plataforma de *streaming Globoplay*. Soma-se a isso a leitura e análise de bibliografia que trata de temas como a televisão, as telenovelas, a História Pública e a temática da escravidão.

Palavras-chave: Telenovela; História Pública; Escravidão; Rede Globo; Novo Mundo.

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2493808659595584>. E-mail: milena_oliveira155@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-0188-3640>. Pesquisa financiada pelo CNPq.

² Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Docente do Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Professor no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória/UFU). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7443594300621909>. E-mail: wellington.amarante@ufu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3338-3717>.

Television and public history: representations of slavery in the soap opera Novo Mundo (2017)

Abstract: This article aims to historically analyze the representations of slavery in the telenovela Novo Mundo, produced and broadcast by *Rede Globo* in 2017. From the viewing of all the chapters of the plot, we sought to understand how directors, actors, screenwriters, costume designers and others involved in the creation and production of the telenovela collaborated in the construction of representations about Slavery. The viewing of the chapters was carried out in full through the *Globoplay* streaming platform. Added to this is the reading and analysis of the bibliography that deals with topics such as television, soap operas, Public History and the subject of slavery.

Keywords: Soap Opera; Public History; Slavery; Rede Globo; Novo Mundo.

Introdução

Sentados à beira do rio com seu filho, um casal conversa tranquilamente, a mulher afirma que os brasileiros ainda têm muito o que mudar na forma como tratam os negros e os indígenas. O casal se abraça e a mulher deseja que seu filho encontre seu lugar no mundo sem ter medo de sua cor. Diara (Sheron Menezes) é uma mulher negra e Wolfgang (Jonas Bloch) um homem branco. Essa é a cena final de um casal que ao longo de toda a trama lutou contra os abusos da escravidãoⁱ.

A cena descrita acima revela as múltiplas tensões causadas pelas questões de desigualdade racial e do racismo. Angela Davis, ao fazer um longo panorama do movimento feminista nos Estados Unidos, demonstra as fortes bases escravistas e desiguais da sociedade o que nos possibilita refletir também sobre o cenário nacional. A autora argumenta que os dilemas enfrentados por uma mulher negra, não eram os mesmos que tinham as mulheres brancas. Enquanto o segundo grupo lutava por maior liberdade em âmbito privado, as mulheres negras tinham que lidar com o preconceito, violência, estupro, desigualdade e desmoralizaçãoⁱⁱ.

Criou-se nos longos anos da escravidão uma estereotipação de promiscuidade em relação as mulheres negras, as quais eram vistas, de acordo com a visão da elite e de alguns intelectuais como promíscuas, relacionadas ao prazer. Expressões do tipo: “branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar”ⁱⁱⁱ demonstram essa perspectiva e dizem sobre a forma que essas mulheres eram vistas pelas elites.

De acordo com Angela Davis, junto a essa imagem construída da mulher negra, criou-se o mito do “negro estuprador”, pela qual esses homens negros eram vistos como pervertidos sexuais que representavam perigo as mulheres brancas. Esse tipo de justificativa serviu como argumento para a manutenção da desigualdade e principalmente, a manutenção da violência contra essas

populações marginalizadas. Em diálogo com essa questão e pensando a realidade brasileira, Silvio Almeida discute o conceito de racismo velado, que representa um espaço onde o preconceito e as desigualdades sociais são mantidos e reproduzidos de maneira sistêmica^{iv}, ou seja, ele pode não ser expresso de forma explícita, apesar de acontecer muito, mas é indissociável das estruturas sociais. Não é por acaso que Diara sente medo da forma como seu filho, Bento, pode ser tratado no futuro, que sem dúvidas, não seria da mesma maneira que acolhiam Wolfgang, homem branco da elite.

Ao apresentar a união de uma mulher negra com um homem branco, *Novo Mundo* busca em várias cenas enfatizar que as oportunidades sempre foram diferentes para os dois. O passado escravista e a ideia de propriedade demonstram uma longa e sólida estrutura social em que determinados grupos têm privilégios e outros não. O racismo é expresso através dessas diferenciações impostas e no claro tratamento diferenciado.

Por muito tempo na historiografia o escravizado foi visto como alguém passivo, submisso às vontades senhoriais, mas em publicações posteriores a década de 1970, tentou-se comprovar justamente o contrário. Tais pesquisas revelaram que as populações negras escravizadas sempre resistiram às imposições e ao sistema de diferentes formas, tais como roubos, fugas, negociações, conflitos e revoltas. Esses trabalhos acadêmicos foram fundamentais ao indicar uma nova visão em relação a esses sujeitos.

Desse modo, torna-se candente a reflexão sobre as relações entre televisão e história pública, seja pela dimensão relevante que o meio televisivo ocupa socialmente no Brasil nos últimos 70 anos, seja pela capacidade de historiadoras e historiadores em contribuir sua *expertise* em outros campos de produção cultural e de conhecimento.

Televisão e história pública

No dia 18 de setembro de 1950, por iniciativa do empresário Assis Chateaubriand, a televisão foi inaugurada no Brasil. A princípio a televisão transmitia imagens em preto e branco, mas isso se modificou com o decorrer dos anos e com a inovação tecnológica. De acordo com Silvia Borelli^v a partir dos anos de 1970 surgem invenções que acabam por racionalizar e sofisticar o processo produtivo, com ênfase as transformações tecnológicas, ao gerenciamento administrado, à qualificação de profissionais, ao fortalecimento das telecomunicações no Brasil e principalmente ao modelo narrativo comumente utilizados.

Assiste-se a um *boom* das inovações tecnológicas, ao acesso e recepção do aparelho televisor, cabe destacar que nos anos correspondentes a Ditadura Militar no Brasil a televisão teve uma grande importância e parte de sua programação serviu como instrumento de legitimação política do regime^{vi}. De acordo com o Áureo Busetto:

Na década de 1990, alterações fomentadas pelas novas tecnologias e pelo recente ambiente regulador gravam mudanças na estrutura e na dinâmica da produção, da divulgação e do consumo televisivos (com oferta abundante de canais a cabo, desarticulação da TV da ideia de comunidade nacional, uso de controversas estratégias de sedução e fidelização da audiência, fragmentação do público em faixas de mercado calcado no gosto, hegemonia de novos gêneros e formatos, como talk show e reality show)^{vii}.

Segundo Dominique Wolton, é possível pensar a presença do aparelho televisor relacionado ao contexto social vivido nesse período em quatro fases. A primeira localizada entre os anos de 1955-1966, na qual a televisão teria passado por uma fase elitista, em que ainda atingia um público restrito. Já o período de 1964 a 1975, a TV se tornaria mais acessível as camadas populares, especificamente as

classes C e D, fase que estabelece relações íntimas com a Ditadura Militar. Entre 1975 e 1988, teríamos o período de triunfo tecnológico, no qual a televisão se fez presente em quase toda parte da sociedade, surgindo assim a necessidade da criação de uma identidade nacional nos programas. E por fim, a partir de 1988, aquilo que Wolton denomina com uma expansão internacional. Ao longo dessas quatro fases a televisão brasileira desempenharia três funções: a de laço social, a modernizadora e a de identidade nacional.

Laço social, pois, interliga diferentes classes sociais com distintas realidades, modernizadora tendo em vista que o aparelho remete a uma atualização tecnológica para o país, e de identidade nacional pois apresenta questões referentes à Nação, estabelecendo diálogo constante com elementos sociais. Nota-se que a televisão é um meio que possui grande relevância como objeto de pesquisa, em relação ao próprio fenômeno e a ligação da TV com distintas conjunturas e realidades sociais^{viii}.

De acordo com dados da Federação das Associações de Rádios Comunitárias do Estado do Paraná (FARCOM) o alcance da televisão e do rádio são superiores a qualquer outro meio de comunicação. No período de janeiro a julho de 2018, cerca de 68% da população consumiu programação de TV. O consumo de rádio atingiu 28% e o da *Internet* 18%^{ix}. Percebe-se o quanto o aparelho televisor ainda é consumido pela sociedade brasileira.

O que nos leva a refletir sobre os desafios a historiadoras e historiadores que desejam pesquisar a televisão como fonte e objeto de pesquisa e avançar nos limites há tempos identificados por Áureo Busetto de um desligamento da televisão com a história e da história com a televisão^x. É nesse cenário que a aproximação entre a televisão e a história pública pode gerar frutos interessantes.

Ao refletir sobre a História Pública, Ricardo Santhiago a define como “uma área de estudo e ação com quatro engajamentos fundamentais”. O primeiro seria

o de uma “história feita *para* o público” e que prioriza a “ampliação de audiência”. O segundo engajamento seria de uma “história feita *com* o público”. No terceiro movimento teríamos uma “história feita *pelo* público”. E por fim, uma discussão sobre “história e *público*”, capaz de abarcar a “reflexividade e a autorreflexividade do campo”. A partir desses quatro engajamentos podemos considerar que a produção e veiculação das telenovelas pelas emissoras televisivas dialoga de forma mais intensa com uma “história feita *para* o público”^{xi}.

Thais Nívia de Lima e Fonseca defende que, “a história pública pode ser percebida pela produção de múltiplas leituras sobre o conhecimento científico em História e pela elaboração de diferentes representações dela, na forma de filmes, documentários, novelas, desfiles de escolas de samba, música, teatro, etc.”^{xii}

É válido ressaltar que essa adaptação exige qualificação científica por parte do pesquisador, como aponta Jurandir Malerba, mas é um campo que cresce em meio a curiosidade da população em relação ao passado histórico^{xiii}. Bruno Leal Pastor de Carvalho e Ana Paula Tavares Teixeira destacam que nos últimos anos é possível verificar que os “temas históricos têm desfrutado de grande popularidade” reflexo da “grande demanda social” pela História^{xiv}.

Novo Mundo contou com a consultoria histórica de Francisco Vieira, historiador de formação, com mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado pela Universidade Federal Fluminense. Vieira atuou por muitos anos no Centro de Documentação da *Rede Globo*, o CEDOC, antes de iniciar seu trabalho de consultoria histórico. De acordo com Vieira: “Tem sido muito rico esse casamento da história formal, da academia, com o mundo da mídia, da televisão. É sair da torre de marfim, onde historiadores falam para historiadores sobre assuntos bastante específicos, e partir para a linguagem de divulgação”^{xv}.

Percebe-se, através da fonte escolhida, como a História Pública está relacionada a um passado histórico que é reconstruído para o grande público. Nesse âmbito, de acordo com Mônica Almeida Kornis:

A análise fílmica e televisiva pode ser transformada em documento para a pesquisa histórica ao articular, ao contexto histórico e social que o produziu, um conjunto de elementos intrínsecos à expressão audiovisual. Essa definição é o ponto de partida que permite retirar o filme do terreno das evidências: ele passa a ser visto como uma construção que, como tal, altera a realidade por meio de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento^{xvi}.

A representação do passado histórico envolve uma construção que inclui a escrita de um roteiro, a adaptação dos fatos históricos às especificidades cinematográficas e televisivas, trata-se de um espaço complexo da análise. Mônica Almeida Kornis afirma também que as telenovelas tiveram inspiração nos chamados *folhetins* que eram narrativas literárias, pequenas histórias sequenciais publicadas em jornais que se enquadravam no gênero de ficção e romance^{xvii}. De acordo com Mauro Alencar:

Ao terminar a década de 1990, mais precisamente entre 1999 e 2000, a história da telenovela latina já poderia ser contada a partir de duas grandes fontes: a mexicana e a brasileira. E as duas, somadas às produções de outros países latino-americanos, já estavam espalhadas pelo mundo afora. Além disso, a América Latina já havia sedimentado sua base ficcional por meio da telenovela – que se transformou num paradigma ficcional^{xviii}.

A telenovela é um veículo importante de informações e também de comercialização, de acordo com Esther Hamburger, ela veicula produtos e hábitos que influenciam os telespectadores e faz com que eles se identifiquem com sua

própria realidade, encontrando-se assim no universo narrativo. De acordo com a autora:

(...) a novela, além de turbinar vendas, possibilita que, via consumo, o espectador se sinta parte do universo narrativo. Há aqui um embrião da estrutura em rede: espectadores se relacionam entre si e com os personagens através da adoção de certos modismos que fazem sentido enquanto a novela está no ar^{xix}.

Percebe-se que a construção de uma narrativa tem ligação e reflete na vida social dos respectivos telespectadores. Além disso, Esther Hamburger expõe que a partir dos conflitos que são apresentados por meio das telenovelas, abre-se a possibilidade para que os telespectadores compreendam e problematizem questões presentes na sociedade brasileira, como os conflitos relacionados a gênero, classe e religião. Porém, a autora adverte que a ideia de trazer questões sociais para a cena nunca fora centrada na afirmação da cidadania e sim no ideal consumista que na televisão era apresentado pela cor branca dentro de um universo glamuroso^{xx}.

Concordamos com Edvaldo Sotana quando ele afirma que, "é relevante refletir sobre a telenovela como gênero televisivo, sua história como produto da trajetória da própria televisão brasileira, sua inserção como mercadoria no cenário internacional e os possíveis significados que o gênero assumiu nas últimas décadas"^{xxi}. Sua colocação nos possibilita refletir sobre a televisão de uma maneira mais complexa que tem sua própria linguagem e um alcance que precisa ser mencionado, de acordo com o autor:

Decifrar sua linguagem audiovisual e concebê-la como um produto artístico-cultural são pressupostos para os interessados nas telenovelas. Conhecer as formas estilísticas e os elementos técnicos (iluminação, trilha sonora, movimento de câmeras, uso de planos, dentre outros) permite aprofundar a leitura do referido objeto^{xxii}.

Jarlene Rodrigues Reis, Euler David de Siqueira e Thaynan Brito Mendes reafirmam as questões levantadas por Esther Hamburger, os autores destacam a capacidade de influência do aparelho televisor, sobretudo das telenovelas, tendo em vista que os personagens podem criar hábitos de consumo na sociedade, como a difusão de marcas, de esmaltes, a propaganda de carros^{xxiii}.

Os mesmos autores tecem uma crítica em relação a telenovela *Novo Mundo*, apontando um romance centrado na figura da princesa Leopoldina e Dom Pedro, eles mencionam que a telenovela oculta a personalidade de Dom Pedro, que teria sido um homem agressivo e truculento. Para os autores:

Novo mundo apresentou o viés da romantização e da simplificação de sua representação, retratando-os como heróis típicos da teledramaturgia, que também desempenharam os papéis de imperatriz e imperador do Brasil. Esses também são aspectos das narrativas míticas e ideológicas^{xxiv}.

Entretanto, por meio do visionamento da telenovela e a relação com as entrevistas, entende-se que o objetivo da telenovela não é de fato apresentar “uma aula de história”^{xxv} como os próprios criadores da telenovela sugerem, mas a criação de uma representação dos fatos que se misturam com a ficção. Houve pesquisas bibliográficas para que o cenário e as histórias que desencadearam a narrativa se aproximassem do real.

Ou seja, trata-se de uma representação televisiva de um período histórico composto por ficção e o romance, de acordo com Renato Drummond, historiador da telenovela, “é preciso ressaltar que, como produto da ficção, a trama da telenovela não possui compromisso com a veracidade dos fatos”^{xxvi}. Trata-se de um universo o qual existem inúmeras possibilidades de criação em relação a um fato histórico. O que permite uma analogia com o que Mônica Almeida Kornis propõe:

Sem desprezar o conjunto de variáveis que envolve o contexto de produção de cada filme ou ficção televisiva e o olhar do presente, é importante pensar como, no interior da própria narrativa e dentro de parâmetros, opera-se a reconstrução histórica nesse gênero. Em outras palavras, destacamos a importância de se buscarem os significados e os limites de uma história que se reconstrói no campo da moralidade, baseada numa dicotomia entre o bem e o mal definida pedagogicamente na construção narrativa, sujeita, assim, a uma forte polarização entre seus personagens e seu conteúdo^{xxvii}.

Diversos pesquisadores têm se debruçado para compreender a complexidade da produção televisiva, sobretudo da telenovela, e suas relações com as discussões de raça. Desde o trabalho pioneiro de Joel Zito Araújo^{xxviii}, passando por pesquisas mais recentes como as de Danubia Andrade^{xxix}, Wagner Machado da Silva^{xxx} e Letícia Calixto^{xxxi}. E algumas telenovelas que já trabalharam com a temática da escravidão, como *Escrava Isaura*, apresentada na Rede Globo em 2005 e *Xica da Silva*, apresentada na Rede Manchete em 1996, já foram analisadas, como na pesquisa de Gabriel Abreu^{xxxii}.

A temática da escravidão é algo consolidado na historiografia, de acordo com Silva (2018), os escravizados eram trazidos ao Brasil por meio dos chamados navios negreiros, lá eles eram submetidos a condições como fome, contato e morte por doenças, tendo em vista que havia um excesso de contato entre os escravizados com eles próprios e com os portugueses, e uma ausência de qualidade de vida, quanto a alimentação, saneamento, limpeza. Além disso, os escravizados sofriam com castigos físicos e psicológicos.

Marília Ariza faz interessantes interpretações da Lei do Ventre Livre (1871), ela apresenta alguns exemplos de mulheres escravizadas que entraram na justiça pedindo seus filhos, com base na legislação supracitada. É interessante que a maioria dessas mães apresentavam diferentes argumentos para conseguirem ter

seus filhos de volta, sem contar as negociações feitas com seus próprios senhores para a obtenção da liberdade de seus filhos^{xxxiii}.

Assim como Ricardo Pirola que estuda dois casos de criminalidade escrava e por meio dos pormenores dos acontecimentos ele compreendeu que os planos eram extremamente articulados. Os escravizados haviam pensado previamente em cada detalhe do crime e o mais interessante é que os cativos tinham consciência das possíveis consequências, e nos dois casos, tentaram se livrar delas, da aplicação da lei, e em um dos casos eles tentaram apagar os vestígios do crime. O mais instigante dessa leitura é o fato de os escravizados terem conhecimento da legislação do Império, mesmo que de forma fragmentada, ao cometer os crimes, os cativos tinham conhecimento das possíveis punições e das brechas da lei^{xxxiv}.

Wagner da Silva relaciona esse contexto da escravidão, supracitado sinteticamente, com o atual racismo na sociedade, comprovando com dados estatísticos desigualdades sociais arraigadas, tendo em vista que mesmo após a Abolição da Escravidão em 1888, os escravizados se tornaram iguais perante a lei, mas não tiveram nenhum tipo de inserção na sociedade, o que tem relação com as zonas periféricas no Brasil^{xxxv}. De acordo com as colocações e dados apresentados pelo autor mencionado, percebe-se que se trata de um tema complexo e sensível, visão corroborada pelas autoras Hebe Mattos, Keila Grinberg e Martha Abreu:

É um terreno pantanoso que pisamos, e são muitos os dilemas vividos pelos historiadores que lidam com a escravidão a partir da perspectiva da história pública. Como podemos construir uma visão historicamente correta da escravidão que seja, ao mesmo tempo, sensível e complexa, que abarque as ambiguidades comuns a todos seres humanos, mas que seja, ao mesmo, tempo respeitosa com os que vivenciaram o legado traumático da escravidão, inscrito na experiência viva do racismo contemporâneo?^{xxxvi}

Percebe-se a complexidade da temática, ainda mais quando se trata da sua veiculação em um meio que tem uma grande recepção dos telespectadores. Para pensar no contexto da escravidão e da historiografia sobre o tema é necessário dedicação, trata-se de uma temática sensível na memória do país, a qual ainda encontramos vestígios nítidos, como o racismo, preconceito e desigualdade social, “traduzir” tal conhecimento para o grande público é uma grande tarefa.

Assim como analisar a forma que esse conteúdo foi representado é complexo, foi necessário compreender sobre as escolhas dos produtores em relação ao conteúdo, recorte, datação, perspectivas e como isso de fato foi adaptado para os telespectadores por meio dos vestuários, falas, estereótipos, entre outros elementos.

Nas discussões e análises apresentadas nesse artigo utilizaremos o termo *escravizado*. As pesquisas historiográficas têm se dedicado a diferenciação entre os termos *escravo* e *escravizado*. Elizabeth Taille e Alessandro Rodrigues Santos destacam que a palavra *escravo* remete a uma condição natural do indivíduo, ou seja, ele estaria nesta situação pois já nasceu assim, ou seja, seria algo nato. Já o termo *escravizado* evidenciaria a noção de processo, de modo que o indivíduo se tornou escravizado durante aquele contexto específico^{xxxvii}.

No entanto, essa escolha merece ressalvas. Quando se usa o termo *escravizado*, também se vê com o olhar do colonizador, tendo em vista que quem escravizou o indivíduo fora o senhor dentro do contexto da escravidão. Porém, cabe destacar que há inúmeros trabalhos que ainda que tenham utilizado o termo *escravo*, consideram o indivíduo como agente do processo histórico, podemos citar a pesquisa de Isabel Cristina Reis (2012) que usou experiência de mulheres escravizadas para falar sobre seu cotidiano e as formas de resistência. Em suma, não se trata apenas da troca pura e simples de um termo pelo outro, mas de uma mudança de perspectiva frente ao objeto de pesquisa.

As representações da escravidão na telenovela *Novo Mundo*

Novo Mundo narra a viagem da futura Imperatriz Leopoldina (Leticia Colín) ao Brasil, que chega com o intuito de se casar com Dom Pedro (Caio Castro), o enredo apresenta parte do Primeiro Reinado, a questão indígena, a escravidão, além romances secundários e o desenrolar de histórias que acontecem dentro da Corte.

Dom Pedro é apresentado como jovem, apaixonado pelo país e mulherengo. Leopoldina por sua vez é sensata e aparentemente tem a capacidade de tomar as melhores decisões para o país na ausência de seu jovem e imaturo esposo. O romance de Anna Millman (Isabelle Drummond) e Joaquim Martinho (Chay Suede) tem um grande destaque ao longo dos capítulos e permeia os momentos mais importantes da trama, inclusive no que se refere a escravidão, sendo ambos defensores de ideias abolicionistas.

Novo Mundo contou com a produção musical de Sacha Amback. Em entrevista, às vésperas da estreia da telenovela, o músico e compositor revelou que o telespectador acompanharia cenas com “músicas de Padre José Maurício Nunes Garcia, trechos de óperas, ballets, as músicas dos índios e dos escravos, canções tradicionais portuguesas entre outras músicas da época, tão rica para a formação da nossa identidade musical”^{xxxviii}.

Francisco Vieira, consultor de história de *Novo Mundo*, afirma ter selecionado leituras as quais não considera “perigosas” para compor o cenário histórico da telenovela^{xxxix}. Já Paulo Renato, cenógrafo, fala sobre a importância dos figurinos para a apresentação de um período histórico, destacando que:

O ambiente pensado sempre como um caminho, o meio para atingir a finalidade principal que é contar através do elenco a nossa versão da história de maneira apropriada. Sem que a arte, por mais linda, e apropriada que esteja, provoque o desvio da leitura da cena^{xl}.

Marie Salles, figurinista, ainda comenta ter uma equipe para montar as peças exclusivas para o elenco e que são peças escolhidas em feiras de antiguidades, tudo para que o figurino se remeta a época tratada^{xli}. O elenco ainda foi preparado com aulas de dança e luta, como revela a jornalista Patrícia Kogut^{xlii}.

Realizamos a análise das representações da escravidão em *Novo Mundo* a partir do visionamento integral dos 160 capítulos da telenovela, disponíveis na plataforma de *streaming Globoplay*. Estamos de acordo que o acesso *online* ao acervo do *Globoplay* tem possibilitado “o incremento da pesquisa histórica sobre a televisão e seus múltiplos gêneros”^{xliii}.

Os capítulos foram registrados em um quadro analítico, construído no *software Word*, da *Microsoft*. O quadro possui sete colunas, com as seguintes informações: data do episódio; número do capítulo; duração; sinopse; personagens presentes nas cenas; cenas apresentadas sobre a escravidão; e subtemas que dialogam com a temática da escravidão. Ao todo foram mais de 100 páginas de material.

Após o visionamento integral da telenovela e o preenchimento do quadro analítico foi possível realizar uma categorização dos principais temas abordados em relação a escravidão, quais sejam: trabalho; preconceito; romance; agressão; castigos; abolicionismo e amizade. Cada um desses temas sinaliza para as formas de como a escravidão foi representada na telenovela.

Além disso, foi sistematizado em outro quadro com informações sobre os personagens e membros que auxiliaram na construção da telenovela, como roteiristas, figurinistas, coreógrafos. Esse quadro foi dividido respectivamente em: data da entrevista, autor, tema, *site*, resumo das reportagens e subtemas, os quais categorizaram as entrevistas. Com a leitura bibliográfica, o visionamento integral da telenovela e a análise dessas informações foi possível visualizar alguns elementos que dizem sobre as representações da escravidão na telenovela *Novo*

Mundo. Ao decorrer do visionamento da telenovela, alguns elementos apresentados foram constituindo a forma pela qual a escravidão foi representada. A partir desses elementos analisaremos a temática à luz de três eixos: “escravidão e violência”, “relações entre senhores e escravizados” e “as fugas como resistência”.

Escravidão e violência

Constante em toda a trama, a escravidão é representada, de forma explícita e direta, a partir do sétimo capítulo da telenovela. Na cena, é possível ver, de plano de fundo, um homem negro sendo escravizado na cidade^{xliv}.

O tema da violência é recorrente. Com a exibição de diversas cenas de castigos, agressões e preconceitos em relação as pessoas negras escravizadas. A personagem que encarna tal temática é Sebastião Quirino (Roberto Cardovani). Sebastião é um homem branco de influência no âmbito local e nacional, tem a posse de várias pessoas negras mantidas como escravas e as trata com total desprezo, ele representa a típica imagem de um comerciante de cativos que tem ambições exclusivamente financeiras.

No nono capítulo, por exemplo, temos a cena na qual Sebastião apresenta a Wolfgang um grupo de treze pessoas negras na condição de escravizados. Ao apresentar uma das escravizadas a Wolfgang, ele diz:

(...) são boas, podem lavar e arrumar vossa casa, as crianças também são boas para pequenos serviços, como buscar coisas, entregar recados, abanar as moscas (risos), estão todos em perfeito estado(...)^{xlv}.

A cena revela a violência e o desprezo de Sebastião para com as pessoas negras que são apresentadas como mercadorias, imóveis e calados em um

ambiente pouco iluminado. Condição típica do período escravista e do domínio senhorial.

Para além do controle dos corpos e a garantia da manutenção da mão de obra, o período da escravidão forjou uma determinada mentalidade. A historiografia sobre o tema tem demonstrado que muitas ações e argumentos foram usados como justificativa para a manutenção da submissão das pessoas na condição de cativos, ou seja, eles deveriam compreender e aceitar sua condição, para que assim fosse possível dar manutenção aquele sistema.

Na obra "Feitores do Corpo, Missionários da Mente: Senhores, Letrados e o Controle dos Escravos nas Américas, 1660-1860", Rafael de Bivar explora as formas de controle dos indivíduos na condição de cativos, a teoria cristã era uma delas. Por meio dela, os escravizados deveriam entender sua condição de inferioridade e assim ter bons comportamentos com seus senhores^{xlvi}.

Vinícius Paulucci, que analisou processos criminais para entender as dinâmicas de trabalho na comarca de Uberaba, revela que uma escravizada foi acusada por um proprietário por atrapalhar o andamento do serviço de um de seus cativos^{xlvii}. Com isso, ela teve que assinar um Termo de Bem Viver, pelo qual se comprometia a não repetir mais tal atitude e principalmente, que não iria atrapalhar mais a tranquilidade pública e o bom andamento daquela comunidade, que deveria ser de acordo com os bons costumes, respeitando a paz das famílias que lá moravam, tem-se claramente definido a percepção da conduta correta dos escravizados, que ia além de um controle físico.

Carla Akotirene auxilia-nos a pensar na condição das mulheres nesse cenário. Ela parte do conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Kimberlé Williams Crenshaw. Este termo representa os caminhos onde se cruzam opressões que envolvem gênero, raça e classe^{xlviii}, o conceito também foi usado para compor a argumentação de Angela Davis. Por meio dele é possível pensar de forma mais

complexa sobre o racismo e as desigualdades sociais, que foram sendo consolidados a muito tempo na sociedade em estruturas que se sobrepõe. A experiência, as oportunidades e o estereótipo criado sobre as mulheres negras são específicos, ela tem de lidar com as questões de raça (por ser negra), classe (por ser pobre e escravizada) e de gênero (por ser mulher). São situações inaplicáveis aos demais, o índice de estupro, violência sexual e doméstica aos homens negros são muito baixos quando comparados as mulheres.

Carla Akotirene argumenta ainda que as formas de autoritarismo presente em todos os momentos históricos, foram criadas e mantidas pelo próprio sistema econômico, e resultam em práticas racistas contra as pessoas negras, volta-se a frase: “branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar^{xlix}” e a cena supracitada de Sebastião que vai de acordo com essa perspectiva. Este personagem, que representa as perspectivas do domínio senhorial via aquelas mulheres na condição de escravizadas simplesmente como trabalhadoras domésticas, impregnado de toda violência patriarcal e noção de superioridade, expressa através de sua fala essa noção de que as mulheres eram boas para trabalhar, considerando na cena seus traços físicos. Vê-se que pensar na escravidão vai muito além da violência física, apesar de esta ser uma marca inegável.

Em diálogo com a perspectiva da interseccionalidade, Berenice Bento se dedicou a pensar nos limites da categoria de gênero para as pesquisas históricas^l. A autora defende que somente gênero não é suficiente para pensar na experiência das mulheres livres e escravizadas, pois, não problematiza as condições anteriores as posições de poder criadas, entre masculino e feminino. Há muito tempo as mulheres lidam com condições específicas e todo cisheteropatriarcado^{li} que reforça a dominação senhorial e masculina. Concorde-se com a frase, “dos motivos políticos subjacentes à criação do mítico estuprador negro é uma

brilhante análise do modo como a ideologia se transforma para ir ao encontro de novas condições históricas^{lvi}, cria-se ao longo do tempo justificativas para a manutenção das desigualdades e do racismo que reforçam os privilégios da branquitude, os normalizando. E no período da escravidão, como forma de dar continuidade ao bom andamento do sistema.

Na sequência da cena acima referida, Wolfgang adverte sobre a precariedade do local que os escravizados estão. Então, Sebastião responde: “Qual o problema? São apenas negros.” Sebastião ainda manda cortar a perna de um dos homens negros que estaria com uma possível doença. A cena é construída com trilha sonora de tensão, e o enquadramento da câmera permanece em Sebastião e Wolfgang, já o rosto das pessoas negras escravizadas quase não é visto, retirando-lhes o caráter humano.

Na maioria das cenas que representam as diversas formas de violência, os recursos utilizados são semelhantes: cenário escuro, trilha sonora tensa ou melancólica e a presença de Sebastião. Como no caso do capítulo 136, em que, no navio, Libério (Felipe Silcley) e sua amiga são empurrados para um lugar sujo e escuro^{lvii}, ao descer da embarcação, Severino Menezes (Antonio Carlos Feio) chama Libério e afirma que ele foi bem recomendado por Sebastião, mas Libério afirma ser livre, o homem concorda e afirma que sua vida será outra quando ele chegar na Jamaica.

Esse é um caso específico em que Libério que já era livre enfrenta a precariedade da liberdade naquele contexto, é mostrado rapidamente as condições insalubres do navio, um local extremamente sujo e escuro. Como já mencionado, trata-se de uma questão recorrente nas cenas, quando a escravidão é representada o plano de fundo é escuro, seja ele em ruas, casas ou florestas.

Podemos relacionar essa questão com um estereótipo criado pela telenovela, ou pelo menos escolhido para assim ser representado. Quando

ocorrem fugas ou momentos que os escravizados praticam suas culturas originárias da África em grupos o cenário é, na maioria das vezes, escuro, noturno e com música de fundo de tensão. Em contrapartida, quando é mostrado outros núcleos da telenovela, como a corte, as cenas são ambientadas em cenários claros, geralmente acompanhado por uma trilha sonora característica, romântica e alegre. Como é o caso do segundo capítulo, em que se dá o início de um possível romance entre Anna e Joaquim^{liv}.

Relações entre senhores e escravizados

A princípio, é válido ressaltar que no episódio 35 a escravidão é representada em um longo período de tempo, dos primeiros minutos até os últimos trinta minutos do capítulo^{lv}, fato incomum na telenovela. No episódio em questão, a temática da escravidão chega ao núcleo da trama, na Corte, onde os protagonistas aparecem em uma acalorada discussão a favor e contra a escravidão^{lvi}.

Com o desenrolar das histórias e o desenvolver dos vínculos entre as personagens, outros temas foram sendo evidenciados. É o caso das relações familiares entre senhores e escravizados. No capítulo 69, Matias (Renan Monteiro) descobre que é filho de Sebastião com Idalina (Dhu Moraes), única escravizada a trabalhar no interior da casa. Ao descobrir, Matias, magoado, busca explicações com Sebastião, que já tinha conhecimento da situação, mas mesmo assim fizera do filho escravizado seu homem de confiança por toda a vida^{lvii}.

No capítulo 81, Sebastião assume então que é pai de Matias, após o jovem ter o questionado, mas o vilão afirma que é indiferente para ele, mencionando que a história de Matias é igual a de tantos outros escravizados. O homem ainda afirma que Matias já levava uma vida boa e que aquela conversa era uma bobagem, o jovem fica desolado com a situação e no decorrer das cenas, mostra-se mais compreensível com sua irmã Cecília (Isabella Dragão), também filha de Sebastião

e se mostra um rapaz com outra índole, não mais ajudando Sebastião em suas maldades como no princípio^{lviii}.

Nessa família, houve outro romance que permeou a maior parte da telenovela; Cecília (Isabella Dragão) se apaixona por um jovem negro militante, Libério, o que é motivo para inúmeros conflitos ao decorrer da trama, já que além de Sebastião, pai da moça ser extremamente preconceituoso, Libério, que era livre, trabalhava no jornal da cidade, publicando textos abolicionistas, que também eram escritos por Cecília.

Cabe destacar aqui algumas das frases recorrentes pronunciadas por Sebastião são direcionadas à Libério: “Casar, você? Minha filha com um negro?”; “como ainda se envolve com esse negro sujo, liberal, baderneiro”; “esse teu marido, esse negro ainda é meu escravo, ele vai responder na chibata”; “isso é um absurdo, esse negro estava na barriga da minha escrava”; “prefiro ver minha filha morta do que casada com um negro”. As frases mencionadas servem como exemplo para que se compreenda como fora representada a escravidão na telenovela *Novo Mundo*; todas elas são pronunciadas por Sebastião, em momentos diferentes na trama e se referem ao romance de Cecília e Libério, cujo o namoro recebeu forte oposição de Sebastião.

Em contrapartida, a escravidão é representada em algumas cenas da telenovela por um viés mais sutil, com algumas pitadas de humor. Os personagens Germana (Vivianne Pasmarter) e Licurgo (Guilherme Paiva) aparecem em todas essas cenas. Logo no 12º capítulo, Elvira (Ingrid Guimarães), que trabalha na taberna de Germana e Licurgo, reclama de suas condições de trabalho, então Germana logo responde: “Mais um comentário desses te mando pro tronco, até que não seria má ideia, um tronco debaixo desse sol de rachar dava até pra você ficar mais moreninha, mais parecida com uma escrava”^{lix}.

Em quase todas as cenas, as falas de Germana são representadas em um contexto de humor, com frases do tipo: “escravos a gente vende quando bem entende”. Em uma das cenas do capítulo 27, Germana e Licurgo resolvem comprar escravizados, mas antes eles os escolhem. E Germana apresenta uma dúvida enquanto Licurgo escolhe um dos homens: “Não sei, não gosto muito dessa cor” e Licurgo responde: “Que cor? É tudo preto!”. Germana retruca: “Tô falando do tom, esse aí é muito escuro (...) um mais clarinho combina mais com os nossos ‘móvel’ (sic)”. Por fim, Germana afirma a Sebastião que não gostou de nenhum dos escravizados apresentados, perguntando a ele se não tem mais nenhum “jovem, forte, saudável, com todos os dentes”^{lx}. Vale frisar que *Novo Mundo* foi exibida na faixa das 18h00 na *Rede Globo*, horário tradicionalmente dedicado a novelas de épocas e de enredos mais leves, o que em certo aspecto explica a opção por personagens cômicos na trama.

Na perspectiva romântica, Diara e Wolfgang têm uma considerável participação, o casal também foi vítima do racismo e preconceito, em uma sociedade que os julgava constantemente, pela união entre uma mulher negra ex-escravizada e um senhor branco europeu e rico. Nesse romance, fora apresentado outro elemento importante, a música africana. No capítulo 114, por exemplo, Diara aparece no quintal de sua casa dançando um ritmo de origem africana chamado Lundu^{lxi}.

As fugas como resistência

Outro aspecto que fora representado na telenovela foram as fugas de escravizados, algumas das quais contaram com a ajuda de Diara e Wolfgang. No capítulo 64, Diara e Wolfgang se disfarçam de capatazes e libertam algumas pessoas que estavam sendo escravizados por Sebastião^{lxii}.

Fora mencionada as formas de domínio senhorial, incluindo o controle dos corpos e da mente, mas esse controle não era absoluto. A historiografia tem demonstrado que os escravizados sempre atuaram e resistiram na sociedade escravista de diferentes formas, e também impunham limites aos proprietários. A cena descrita acima representa a situação de uma fuga, de acordo com Reis, existiam dois tipos, aquelas reivindicatórias e de rompimento^{lxiii}. Na primeira, os escravizados fugiam e depois retornavam, como uma forma de mostrar insatisfação com algo, como as atitudes do senhor. E as de rompimento aconteciam quando os cativos não retornavam, rompendo assim aquela relação, seja com o proprietário ou questionando o próprio sistema da escravidão.

Chicorski pensou na questão do roubo de escravizados, destacando duas formas. Havia os casos em que os escravizados eram roubados de outros proprietários e aqueles que os cativos “se deixavam fugar”^{lxiv}, ou seja, eles faziam acordos com outros senhores para que fossem levados, essa segunda forma pode representar uma estratégia desses indivíduos para melhorar suas condições de vida e estabelecer novos vínculos sociais em outros locais. Chicorski ampliou sua pesquisa analisando os casos de escravizados que fugiam para trocar de senhor no sudeste brasileiro^{lxv}, trata-se de uma interessante estratégia para mudar suas condições, estando insatisfeitos com algo, eles fugiam em busca de novas condições. O que demonstra a improcedência das teorias que viam os escravizados como sujeitos passivos aos domínios senhoriais e dóceis a escravidão^{lxvi}.

A própria atualização das pesquisas históricas e a consequente complexificação do contexto pode interferir na forma que a escravidão é representada na telenovela, visto que ela dialoga com os contextos sociais da atualidade, como visto no primeiro tópico. “*Novo Mundo*” foi apresentada em 2017, quando a discussão sobre a resistência escrava já estava consolidada no âmbito

da historiografia. Inclusive a obra de Reis, “Negociação e conflito”, nela o autor argumenta que não foram somente as grandes movimentações que marcaram a resistência e atuação das pessoas submetidas a escravidão^{lxvii}. Ele explora a ideia de cotidiano e demonstra que os cativos atuavam constantemente, por exemplo, eles negociavam com seus senhores o local e as condições de tratamento e estadia, tanto que Silvia Lara demonstra que os proprietários sabiam os limites da punição^{lxviii}, eles tinham conhecimento não poderiam ultrapassar o objetivo de ensinamento, porque poderia causar insatisfação nos indivíduos, o que poderia ter consequências, como a fuga ou revolta.

Reis argumenta que os escravizados usavam a brecha camponesa para criar espaços de autonomia na sociedade escravista. Mesmo que tivesse limites para essa atuação, eles agiam nos entornos, com as possibilidades que cabiam, através da prática de sua fé, criação de laços familiares, reivindicação por melhores tratamentos, denúncia do senhor por maus tratos, entre outros. São situações que a historiografia tem comprovado que aconteceram, e sem dúvidas, essa atuação dos escravizados interferiram diretamente na legislação. Ferreira ao pensar na cidade de Franca no século XIX demonstra como o aumento da criminalidade entre escravizados, livres e libertos preocupava as autoridades e interferia diretamente na criação de regulamentações para controlar suas atuações^{lxix}, ora, como eles eram passivos? Muito das posturas e códigos imperiais são fruto dessa resistência, a atuação dos cativos preocupava as autoridades.

Wolfgang e Diara atuavam ativamente contra a escravidão. Diara, amiga da princesa, é a responsável por levar o tema o núcleo da trama, ao denunciar os malefícios do processo de escravagista. Mesmo depois de liberta, Diara se dedicava a pôr fim a escravidão, com o apoio de Wolfgang. Ambos lutaram durante toda a telenovela em prol de libertar as pessoas negras escravizadas.

O apoio de Wolfgang à Diara se expressa em atitudes como: ajudá-la a planejar as fugas; tornar Diara baronesa; auxiliá-la em seu processo de alfabetização. No capítulo 158, por exemplo, Sebastião pergunta a Chalaça (Rômulo Estrela) se não é “proibido ensinar a escravas e pobres a ler e escrever?”^{lxx}. Já Schultz (Ruben Gabira), que trabalhava na casa de Wolfgang, se assustou quando Diara conta que leu um livro. Nesse núcleo secundário, Schultz inclusive fora mandado embora do serviço por conflitar e destratar Diara, com frases racistas e preconceituosas do tipo: “negra suja!”. Schultz, após ter sido demitido do serviço inicial, começou a trabalhar para Greta (Júlia Lemmertz), que a princípio morava no exterior, mas depois se mudou para o Brasil, na casa de seu irmão Wolfgang, a mulher rejeitou Diara e também a tratou com preconceito^{lxxi}.

Walter Fraga fala sobre as possibilidades e a importância dos laços sociais e familiares na escravidão, destacando que a proximidade do cativo, mesmo que fosse no período de trabalho, também representava uma possibilidade desses indivíduos construir laços sociais duradouros com os colegas, seja de parentesco ou amizade^{lxxii}, e isso contribuía para amenizar a dureza do cativeiro. Nesse sentido, Robert Slenes em sua riquíssima obra argumenta que os escravizados africanos não romperam com suas tradições de origem como desejavam os proprietários, mas eles a adaptavam como forma de resistir as imposições^{lxxiii}. A manutenção da cultura centro-africana e das identidades foram fundamentais para a criação de fortes laços sociais entre os escravizados, a família escrava era uma forma de resistência cultural, representava um espaço onde os cativos podiam transmitir seus valores de acordo com suas percepções do mundo.

Considerações

“Seus pretos sujos, vocês são se ver comigo, seus pretos, voltem aqui, vocês vão todos para o tronco, voltem aqui, preto nojento, voltem aqui, vocês todos para

o tronco”, tais ofensas e impropérios, são as últimas palavras pronunciadas por Sebastião. O outrora poderoso traficante de escravos, gritava em vão, humilhado, sujo de fezes, no meio da rua^{lxxiv}. A cena é representativa pois mostra o merecido fim do vilão, que expressou durante toda a trama o pensamento escravocrata, preconceituoso e predominante naquele período.

A forma que a escravidão foi representada na telenovela *Novo Mundo* pode ter tido a intenção de causar indignação ao telespectador diante das atitudes dos personagens e da própria visão do que era esse contexto. Mas, por outro lado, pode ter reforçado o estereótipo dos escravizados como submissos. Por isso, o diálogo com a historiografia é fundamental para evitar a reprodução de preconceitos e estigmatizações. O que predominou nas cenas foi a representação da mentalidade senhorial, aquela que via o escravizado como submisso, o qual deveria respeitar sua condição, e a violência seria uma forma de justificar essa diferença de posições. Mas, a escravidão não fora marcada somente por essa perspectiva de domínio, houve muita resistência, perspectiva que poderia ter sido mais explorada pela trama.

Em suma, *Novo Mundo* teve o mérito de trazer para o grande público o tema do Primeiro Reinado e da escravidão. Destaca-se também o cuidado com os elementos cenográficos e de figurino e a importante presença do historiador Francisco Vieira e o seu trabalho de consultor histórico. Acreditamos que a historiografia tem muito a contribuir com a produção de narrativas audiovisuais, seja no cinema ou na televisão. Produções como *Novo Mundo* indicam que a inserção de historiadoras e historiadores nesse processo coletivo de criação televisiva pode desempenhar um ganho em qualidade na forma como as diversas representações sobre o passado podem ser veiculadas na televisão, produzindo assim programas que dialoguem cada vez mais com a história pública e uma história pública cada vez mais conectada com o seu público.

Notas

- ⁱ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6173316/?s=0s> >. Acesso em 14 mai. 2023.
- ⁱⁱ DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- ⁱⁱⁱ GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz Companhia das Letras, 2020.
- ^{iv} ALMEIDA, Silvio Luiz de. Estado, direito e análise materialista do Racismo. In: KASHIURA JUNIOR, Celso Naoto; AKAMINE JUNIOR, Oswaldo; DE MELO, Tarso (orgs). Para a crítica do Direito: Reflexões sobre teorias e práticas jurídicas. São Paulo: Outras Expressões; **Dobra universitário**, 2015. p. 747-767.
- ^v BORELLI, Silvia Helena Simões. **Telenovelas: Padrão de produção e matrizes populares**. Rede Globo 40 anos de poder e hegemonia. Rio de Janeiro: Comunicação, 2005, p.195.
- ^{vi} OLIVEIRA, Wellington Amarante. No ar o Telecurso 2º Grau: ensino pela TV e legitimação política da Rede Globo durante a ditadura militar (1978-1981). **Revista Territórios & Fronteiras**, 10(1), 2017, p. 393-418.
- ^{vii} Busetto, Áureo. "Sintonia com o contemporâneo: a TV como objeto e fonte da História". In: BEIRED, J; BARBOSA, C. (Orgs.). **Política e identidade cultural na América Latina**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 159.
- ^{viii} WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 2008.
- ^{ix} Disponível em: <https://www.farcompr.org/alcance-do-radio-e-da-tv-e-superior-ao-de-qualquer-outro-meio-de-comunicacao/>. Acesso realizado em: 10/08/2021.
- ^x Busetto, Op. Cit., 2010.
- ^{xi} SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria. ALMEIDA, Juniele Rabêle de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p.28
- ^{xii} FONSECA, Thais Nívia de Lima. Ensino de História, mídia e história pública. In: MAUAD, Ana Maria. ALMEIDA, Juniele Rabêle de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 192.
- ^{xiii} MALERBA, Jurandir. **Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?** Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *Public History**. n. 15, p. 27-50, 2014, p. 32.
- ^{xiv} CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TAVARES, Ana Paula (editores). **História Pública e divulgação de História**. São Paulo: Letra e voz, 2019, p. 10.
- ^{xv} Disponível em: < <https://medium.com/novomundo/quando-a-hist%C3%B3ria-ganha-vida-1b523210d45c> >. Acesso em: 11 mai. 2023.
- ^{xvi} KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p.57.
- ^{xvii} Idem, p. 49.
- ^{xviii} ALENCAR, Mauro. **A telenovela como paradigma ficcional da América Latina**. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. s./d., p.3.
- ^{xix} HAMBURGUER, Esther. **Telenovelas e interpretações do Brasil**. São Paulo: Lua Nova, 2011, p. 71.
- ^{xx} Idem, p. 84.

- ^{xxi} SOTANA, Edvaldo Correa. Telenovela & Ensino de História: observações preliminares. **Outros Tempos**. São Luís, v. 17, n. 29, p.17-33. 2020. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/718/pdf Acesso realizado em: 01 mai. 2023, p.26.
- ^{xxii} Idem, p. 32.
- ^{xxiii} REIS, Jarlene R.; SIQUEIRA, Euler David.; MENDES, Siqueira Thaynan. **Histórias de príncipe e princesa: memórias midiáticas da união entre dona Leopoldina e Dom Pedro I na telenovela novo mundo**. Rev. Memorare: Tubarão, v.5, n.3, p. 292-306 set./dez.2018, p.314.
- ^{xxiv} Idem, p. 326.
- ^{xxv} Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&pagina=&ordenacaoDaTa=relevancia&allwords=novela+novo+mundo&anyword=&noword=&exactword=&decaadaSelecionada=2010&anoSelecionado=2017&mesSelecionado=&diaSelecionado=>>. Acesso em: 22 ago.2021.
- ^{xxvi} Disponível em: <<https://rainhastragicas.com/2017/03/22/novo-mundo-novela-da-rede-globo-mistura-fato-e-ficcao-na-historia-do-brasil/>>. Acesso em: 13 ago.2021.
- ^{xxvii} KORNIS, Op. Cit., p. 51.
- ^{xxviii} ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.
- ^{xxix} ANDRADE, Danubia. **A personagem negra na telenovela brasileira: representações da negritude em “Duas caras”, 2009**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.
- ^{xxx} SILVA, Wagner Machado da. **A telenovela e os negros: A representatividade ética na Rede Globo entre 2011 e 2017**. Intercom, Joinville, p.1-15, set.2018.
- ^{xxxi} CALIXTO, Letícia da Costa. **“Sou Maria Vanúbia, não sou bagunça”**: representação da mulher negra na telenovela *Salve Jorge* (2012-2013). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Uberlândia, 2021.
- ^{xxxii} ABREU, Gabriel Fleck. **É difícil como o que?** Escravidão e usos públicos do passado nas telenovelas. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.
- ^{xxxiii} ARIZA, Marília B. O longo caminho: usos da Lei do Ventre Livre por mães libertas (São Paulo, década de 1880). In: CARULA, Karoline. ARIZA, Marília. **Escravidão e Maternidade no mundo atlântico: corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX**. Niterói/RJ: Eduff, 2022. p. 263-295.
- ^{xxxiv} PIROLA, Ricardo Figueiredo. Escravos e rebeldes na justiça imperial: dois casos de assassinatos senhoriais em Campos dos Goytacazes (RJ), 1873. **Afro-Ásia**, n. 52, 2015.
- ^{xxxv} SILVA, Wagner Machado da. **A telenovela e os negros: A representatividade ética na Rede Globo entre 2011 e 2017**. Intercom, Joinville, p.1-15, set.2018, p. 4.
- ^{xxxvi} MATTOS, Hebe; GRINBERG, Keila; ABREU, Martha. Que história pública queremos. In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane T. (org.). **Que diferença faz a perspectiva de história pública nos estudos sobre a escravidão?** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 229-237, p. 232.

xxxvii TAILLE, Elizabeth; SANTOS, Adriano Rodrigues. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. **Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade**, v. 3, 2012, p. 7.

xxxviii Disponível em: <<https://medium.com/novomundo/uma-trilha-sonora-de-aventura-d4610134ccb2>>. Acesso em: 13 ago.2021.

xxxix Disponível em: <<https://medium.com/novomundo/quando-a-hist%C3%B3ria-ganha-vida-1b523210d45c>>. Acesso em: 13 ago.2021.

xl Disponível em: <<https://medium.com/novomundo/cenografia-o-desafio-de-retratar-o-brasil-colonial-e8452a6963c>>. Acesso em: 13 ago.2021.

xli Disponível em: < <https://medium.com/novomundo/figurino-v%C3%A1rios-mundos-em-uma-s%C3%B3-novela-203b2257669d>>. Acesso em: 13 ago.2021.

xlii Disponível no acervo virtual: <<https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=Patr%C3%ADcia+Kogut%09Tiro+ao+alv+o>> Acesso em: 13 ago.2021.

xliii BORGES, Mariana Costa; GRACIANO, Thalisson Gustavo; AMARANTE, Wellington. Usos do *streaming* na pesquisa histórica: mapeamento da história política no telejornalismo brasileiro (2012–2022). **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, v. 2, n. 6, p. 145–170, 2024. p. 148. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/cehd/article/view/2027>. Acesso em: 29 nov. 2024.

xliv Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5762624/?s=0s> >. Acesso em 10 mai. 2023.

xlv Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5769104/?s=0s>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

xlvi MARQUESE, Rafael de Bivar. **Factores do corpo, missionários da mente**: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660–1860. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

xlvii PAULUCCI, Vinícius Passos. **Entre confrontos e alianças**: as relações entre trabalho escravo e trabalho livre nos processos criminais de Uberaba – MG, século XIX. 2023. 111 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2023.

xlviii AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

xlix Idem.

^I BENTO, Berenice. Gênero, uma categoria de análise histórica. São Paulo: Editora XYZ, 2022.

^{II} AKOTIRENE, Op. Cit., 2019.

^{III} DAVIS, Op. Cit., 2016. p. 182.

^{IIII} Disponível:< <https://globoplay.globo.com/v/6106837/?s=0s>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

^{liv} Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5748381/?s=0s>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

^{lv} Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5839052/?s=0s>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

^{lvi} Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5839052/?s=0s>>. Acesso em 29 nov. 2024

^{lvii} Disponível em:< <https://globoplay.globo.com/v/5961739/?s=0s>>. Acesso em: 10 mai. 2023.

^{lviii} Disponível em:< <https://globoplay.globo.com/v/5961739/?s=0s>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

^{lix} Disponível em:< <https://globoplay.globo.com/v/5777406/?s=0s>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

^{lx} Disponível em:< <https://globoplay.globo.com/v/5818388/?s=0s>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

^{lxi} Disponível em:< <https://globoplay.globo.com/v/6048531/?s=0s>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

^{lxii} Disponível em:< <https://globoplay.globo.com/v/5915851/?s=0s>>. Acesso em: 14 mai. 2023.

- lxiii REIS, João José. **Negociação e conflito:** A resistência negra no Brasil escravista. Editora Schwarcz Ltda, 1989.
- lxiv CHICORSKI, Ana Carolina Coelho. **Leva, que a mim te deixo furtar:** roubo de escravos em Uberaba – MG na segunda metade do século XIX. 2019. 94 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- lxv CHICORSKI, Ana Carolina Coelho. **"Eles procuraram a sua casa, e preferem o seu cativo":** fuga de escravizados para trocar de senhor no sudeste brasileiro 1828–1880. (149 p.) Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2023.
- lxvi FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.
- lxvii REIS, Op. Cit., 1989.
- lxviii LARA, Silvia Hunold. 1955– **Campos da violência:** escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750–1808. 2. ed. – Campinas, SP: UNICAMP/IFCH/CECULT, 2023.
- lxix FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Crimes em comum:** escravidão e liberdade sob a pena do Estado imperial brasileiro (1830–1888). São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- lxx Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6167974/?s=0s> >. Acesso em: 12 mai. 2023.
- lxxi Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/5794157/?s=0s> >. Acesso em: 12 mai. 2023.
- lxxii FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade:** histórias de escravos e libertos na Bahia, 1870–1910. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.
- lxxiii SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor:** esperanças e recordações na formação da família escrava. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- lxxiv Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6173316/?s=0s> >. Acesso em 14 mai. 2023.

Referências

ABREU, Gabriel Fleck. **É difícil como o que?** Escravidão e usos públicos do passado nas telenovelas. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALENCAR, Mauro. **A telenovela como paradigma ficcional da América Latina.** XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. s./d.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Estado, direito e análise materialista do Racismo. In: KASHIURA JUNIOR, Celso Naoto; AKAMINE JUNIOR, Oswaldo; DE MELO, Tarso (orgs). **Para a crítica do Direito:** Reflexões sobre teorias e práticas jurídicas. São Paulo: Outras Expressões; Dobra universitário, 2015.

ANDRADE, Danubia. **A personagem negra na telenovela brasileira:** representações da negritude em “Duas caras”, 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil:** o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

ARIZA, Marília B. O longo caminho: usos da Lei do Ventre Livre por mães libertas (São Paulo, década de 1880). In: CARULA, Karoline. ARIZA, Marília. **Escravidão e Maternidade no mundo atlântico:** corpo, saúde, trabalho, família e liberdade nos séculos XVIII e XIX. Niterói/RJ: Eduff, 2022.

BENTO, Berenice. Gênero, uma categoria de análise histórica. São Paulo: Editora XYZ, 2022.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Telenovelas: Padrão de produção e matrizes populares.** Rede Globo 40 anos de poder e hegemonia. Rio de Janeiro: Comunicação, 2005.

BORGES, Mariana Costa; GRACIANO, Thalisson Gustavo; AMARANTE, Wellington. Usos do *streaming* na pesquisa histórica: mapeamento da história política no telejornalismo brasileiro (2012–2022). **Convergências: estudos em Humanidades Digitais**, v. 2, n. 6, p. 145–170, 2024.

BUSETTO, Áureo. “Sintonia com o contemporâneo: a TV como objeto e fonte da História”. In: BEIRED, J; BARBOSA, C. (Orgs.). **Política e identidade cultural na América Latina.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CALIXTO, Letícia da Costa. **“Sou Maria Vanúbia, não sou bagunça”:** representação da mulher negra na telenovela *Salve Jorge* (2012–2013). Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Uberlândia, 2021.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TAVARES, Ana Paula (editores). **História Pública e divulgação de História.** São Paulo: Letra e voz, 2019.

CHICORSKI, Ana Carolina Coelho. **“Eles procuraram a sua casa, e preferem o seu cativeiro”:** fuga de escravizados para trocar de senhor no sudeste brasileiro 1828–1880. (149 p.) Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2023.

CHICORSKI, Ana Carolina Coelho. **Leva, que a mim te deixo furtar:** roubo de escravos em Uberaba – MG na segunda metade do século XIX. 2019. 94 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Boitempo Editorial, 2016.

FERREIRA, Ricardo Alexandre. **Crimes em comum:** escravidão e liberdade sob a pena do Estado imperial brasileiro (1830–1888). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. Ensino de História, mídia e história pública. In: MAUAD, Ana Maria. ALMEIDA, Juniele Rabêle de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil:** sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade:** histórias de escravos e libertos na Bahia, 1870–1910. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Editora Schwarcz Companhia das Letras, 2020.

HAMBURGUER, Esther. **Telenovelas e interpretações do Brasil.** São Paulo: Lua Nova, 2011.

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LARA, Silvia Hunold. 1955– **Campos da violência:** escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750–1808. 2. ed. – Campinas, SP: UNICAMP/IFCH/CECULT, 2023.

MALERBA, Jurandir. **Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?** Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *Public History**. n. 15, p. 27–50, 2014.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente:** senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660–1860. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MATTOS, Hebe; GRINBERG, Keila; ABREU, Martha. Que diferença faz a perspectiva de história pública nos estudos sobre a escravidão? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane T. (org.). **Que história pública queremos**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

OLIVEIRA, Wellington Amarante. No ar o Telecurso 2º Grau: ensino pela TV e legitimação política da Rede Globo durante a ditadura militar (1978–1981). **Revista Territórios & Fronteiras**, 10(1), 2017.

PAULUCCI, Vinícius Passos. **Entre confrontos e alianças**: as relações entre trabalho escravo e trabalho livre nos processos criminais de Uberaba – MG, século XIX. 2023. 111 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2023.

PIROLA, Ricardo Figueiredo. Escravos e rebeldes na justiça imperial: dois casos de assassinatos senhoriais em Campos dos Goytacazes (RJ), 1873. **Afro-Ásia**, n. 52, 2015.

REIS, Jarlene R.; SIQUEIRA, Euler David.; MENDES, Siqueira Thaynan. Histórias de príncipe e princesa: memórias midiáticas da união entre dona Leopoldina e Dom Pedro I na telenovela novo mundo. **Rev. Memorare**: Tubarão, v.5, n.3, p. 292–306 set./dez.2018.

REIS, João José. **Negociação e conflito**: A resistência negra no Brasil escravista. Editora Schwarcz Ltda, 1989.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria. ALMEIDA, Juniele Rabêle de; SANTHIAGO, Ricardo. **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SILVA, Wagner Machado da. A telenovela e os negros: A representatividade ética na Rede Globo entre 2011 e 2017. **Intercom**, Joinville, p.1–15, set.2018.

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor**: esperanças e recordações na formação da família escrava. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

SOTANA, Edvaldo Correa. Telenovela & Ensino de História: observações preliminares. **Outros Tempos**. São Luís, v. 17, n. 29, p.17-33, 2020.

TAILLE, Elizabeth; SANTOS, Adriano Rodrigues. Sobre escravos e escravizados: percursos discursivos da conquista da liberdade. **Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade**, v. 3, 2012.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 2008.

Submetido: 10/06/2024

Aprovado: 05/10/2024

Publicado: 24/01/2025